



# Por que há algo ao invés de nada?

HEEREN, F. **Mostre-me Deus**: o que a mensagem do espaço nos diz a respeito de Deus. Tradução de Soraya Bausells. 1ª Ed. São Paulo: Clío, 2009. 453 p.

Rodrigo P. Silva<sup>1</sup>



red Heeren é um jornalista científico que já escreveu para jornais de prestígio como *The Boston Globe*, *The Chicago Tribune* e *The Washington Times*. Identificando-se como um pesquisador cético (embora demonstre uma assumida fé cristã), o autor dedicou sete anos integrais de sua vida pesquisando o assunto da existência de Deus dentro dos limites da Física. Mas ele não se prende apenas a essa área. Pelo contrário, dialoga bastante com a Teologia, prometendo a publicação de outros volumes, com assuntos bastante apologeticos como arqueologia bíblica e a historicidade dos evangelhos.

Valendo-se de conhecimentos jornalísticos, o autor optou em não entrevistar fontes secundárias ou leigas, com exceção do apologista cristão, Robert Gange. Heeren buscou sustentar suas considerações com o depoimento de pessoas não reconhecidas por seu currículo religioso, mas pelo genialismo acadêmico na área da Física. Sua lista conta com nomes como Stephen Hawking (o mais brilhante físico teórico desde Einstein), Alan Guth (pai da teoria inflacionária na cosmologia do Big Bang), Robert Wilson (ganhador do Nobel de Física em 1978) além de outros, todos com elevado nível intelectual.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Arqueologia Clássica pela USP. Doutor em Teologia pela Pontifícia Faculdade Católica de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Especialista em arqueologia bíblica pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Professor no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: rodrigo.silva@unasp.edu.br

O objetivo desse livro é mostrar que pessoas de fé e cientistas podem ter um diálogo saudável e construtivo para ambos, algo considerado crucial para a humanidade, segundo o autor. Para ele, é importante corrigir a definição que estabelece ciência e religião como áreas separadas, discrepantes ou antagônicas. Todas as barreiras dos mal entendidos e das desconfianças entre ciência e fé deveriam ser derribadas para o próprio bem da sociedade. Assim, *Mostre-me Deus* procura ser uma contribuição na busca de uma integralidade entre o conhecimento religioso e científico.

Na introdução (p. 13–22), depois de um olhar sobre a ignorância que prevaleceu desde a antiguidade até o fim da década de 1910, acerca das origens do universo, o autor lembra que aqueles que não liam os capítulos iniciais do Gênesis como relato literal, não possuíam razões plausíveis para acreditar que o cosmos teve, de fato, um começo. Trata-se de mostrar, que a era pós-Einstein tem razões superiores às eras antecedentes, em acreditar que o Gênesis estaria correto ao propor um começo cósmico e a existência de um originador que possibilite esse começo — a causa primeira de Aristóteles, misturada com a personalidade desta causa, conforme a Teologia judaico-cristã.

O livro está dividido em quatro partes e três bônus. A primeira parte (p. 23–114) dá o horizonte da compreensão da obra, apresentando o paradigma que usará para provocar a discussão acerca do tema Deus: a busca humana pelas origens da existência faz qualquer discussão filosófica parecer secundária (p. 50–51). Mesmo cientistas sérios, que não endossam em nada os militantes da ufologia, se tornam ávidos por encontrar resquícios de outras vidas no cosmos e, assim, estabelecer contato com formas de vida inteligente o bastante para decodificar e responder a comunicação.

Esta primeira parte é constituída por dois capítulos. O primeiro (p. 25–62) mostra as tentativas científicas de descobrir traços de vida em rochas marcianas. O segundo (p. 63–114) conta a história das tentativas de estabelecer contanto com as hipotéticas formas de vida que há no universo. Por exemplo, o radiotelescópio Parkes, na Austrália, usado durante seis meses pelo Instituto *Seti* (sigla em inglês para Busca por Vida Extraterrestre). O autor aposta em hipóteses como a de Steidel (chefe de equipe que desenvolveu um jeito fácil para encontrar galáxias primordiais), “as chances de vida lá fora são grandes” (p. 63)<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Chuck Steidel, Ph.D. é o chefe da equipe de astrônomos que recentemente descobriu as “galáximas primevas”, sobre isso ver: <<http://iopscience.iop.org/0004-637X/592/2/728/57731.text.html>>.

A segunda parte corresponde à correlação entre a existência de Deus e a origem de tudo. O autor define Deus como um ser independente, infinito e pessoal (que então resume na sigla Deus IIP). Para amenizar as críticas de ateus e céticos, que certamente se irritariam com o adjetivo “pessoal” usado já assim de princípio, o autor explica que pessoal em seu conceito não significa um decalque exato do sentido de pessoa que usamos para referir aos seres humanos. Ele se limita a dizer que as descobertas cósmicas demandam a existência de um ser superior e inteligente com atributos de pessoalidade, pelo menos tanto quanto nós. De acordo com essa concepção, Deus poderia ser mais do que uma pessoa, mas não menos do que isso.

Cinco capítulos perfazem essa segunda parte (p. 115–242): a indagação se o Deus IIP seria a melhor explicação para a origem de tudo, as explicações alternativas sem Deus, os indicadores científicos da criação e a teoria do Big Bang adicionada a uma tentativa teológica de harmonizar o Big Bang e a Bíblia.

A terceira parte (p. 243–316) prossegue em apresentar evidências, desta vez, de um *design* divino admitido pelos maiores físicos da atualidade. São três capítulos que tratam das evidências propriamente ditas, das explicações alternativas das evidências que retiram o *designer* como hipótese de trabalho e as implicações de sermos parte de um projeto (de um *design*). A principal delas: não se pode falar de projeto sem admitir um projetista.

A quarta parte (p. 317–342) esboça a tentativa de um diálogo que pretende definir com critérios bíblicos qual é a nossa história cósmica. São dois capítulos que, como o próprio autor antecipa, servem para introduzir o leitor à próxima obra a ser escrita, com cunho mais teológico ou escriturístico. Contudo, este segundo volume, de uma série de quatro, não veio a público até o momento em que esta resenha foi produzida.

Os três bônus (p. 343–453) são um verdadeiro *reader's digest* para o leitor, apresentando um pouco dos bastidores da ciência (que o autor ironicamente chama de “um pouco de ficção científica”), uma lista de cinquenta fundadores da ciência moderna que nunca olvidaram nem negaram sua fé em um Deus criador e as principais descobertas cosmológicas dos séculos 19 e 20, seguidas, finalmente, de perguntas e respostas com os principais cosmólogos da atualidade.

A partir do resumo acima, o leitor poderá facilmente identificar esta obra como uma interessante mistura entre teoria do *Design Inteligente* e apologética cristã criacionista. Embora, a bem da verdade, é no mínimo dúbia a tentativa do autor de confirmar cientificamente o relatório bíblico em vários pontos (inclusive da historicidade da vida de Jesus e da

supremacia do Gênesis sobre as cosmogonias e cosmologias do passado) negando, contudo, a semana literal da criação.

Ellen G. White e os adventistas, citados num tom pejorativo na página 227, são acusados de defender a criação recente e a literalidade da semana da criação por interesses pessoais em relação à guarda do sábado. A profundidade e complexidade da argumentação adventista neste setor não foi devidamente explorada, mas apenas introduzida em três parágrafos bem introdutórios e superficiais. Há que se considerar, é claro, que o próprio autor está aqui anunciando o conteúdo do volume 3 de sua série, onde ele promete tratar melhor o assunto. No entanto, considerando que sinopses do que será discutido são mais próprias para a introdução e não para o corpo de uma obra, um anúncio como esse soa deslocado do plano maior da obra, especialmente se considerarmos que o livro questiona muitos paradigmas da ciência moderna.

A pergunta que fica perante o leitor (até que possamos ler o assunto no prometido terceiro volume da série) é: por que o autor questiona tanto os físicos em questões como a geração espontânea e evolução do universo e se demonstra tão simpático à tradição crítica quando o assunto é a cronologia do cosmos? Ora, a cronologia de bilhões de anos para o planeta Terra não é um consenso para os teóricos (bíblicos ou não). Não é algo que foi “provado” cientificamente e suas argumentações são análogas àquelas apresentadas para defender um universo originado sem causa primária e que Heeren tanto questiona.

Pior ainda é quando ele cita um erudito do Antigo Testamento, o falecido Dr. Gleason Archer Jr., para sustentar a “irracionalidade” da interpretação literal dos dias da criação em Gênesis 1 e 2 (p. 232). Como argumento a partir do original hebraico, ele diz que os dias da criação no Gênesis omitem o artigo definido, sendo correto ler “dia um” e não “o primeiro dia”. E assim por diante “dia dois, dia três etc.”. Essa construção, diz Heeren, citando Gleason Jr., demonstra que esse é um estilo poético para dar um sentido figurado para a palavra dia e não um sentido literal (p. 233). Ora os dois erros do autor seriam, em primeiro lugar, apontar apenas um erudito esquecendo que, mesmo em que se pese o currículo do Dr. Archer Jr., ele foi minoria nessa interpretação. A maior parte dos linguistas modernos especializados em hebraico, especialmente os lexicógrafos, são inclinados a ler a palavra *Yom* (dia) em Gênesis 1 como sendo dia literal de 24 horas<sup>3</sup>. Ademais o argumento da ausência do artigo é fraco, pois além de termos um claro caso de definição funcional dos dias da criação no texto hebraico, há de se

---

<sup>3</sup> Veja a bibliografia e várias citações neste sentido no artigo de G. V. Hasel (2000, p. 40–68).

considerar que o sexto e o sétimo dia vêm conectados ao artigo definido, contrariando o argumento de Gleason, mencionado por Heeren. Isso sem contar que a Bíblia descreve tais dias como compostos de “tarde e manhã”, uma caracterização própria apenas para dias literais.

Seja como for, o fato é que, embora não tenha me sentido bem compreendido e definido como adventista do sétimo dia ou defensor de uma criação recente para a Terra, não me sinto inclinado a lançar fora toda a obra *Mostre-me Deus* por causa desta parte. Fazê-lo seria um erro, uma falácia do tipo *dicto simpliciter*. Há importantes e interessantes considerações, arraoados e argumentos que merecem ser conhecidos e usados na defesa da fé.

Um ponto forte do livro são as entrevistas com cientistas de renome que, mesmo não sendo crentes nem criacionistas, admitem coisas e fazem declarações que conduzem para a crença em um criador como justificativa para a existência do universo (embora Hawking seja o mais resistente a essa ideia). Até mesmo Einstein é mostrado como não tendo nenhuma explicação adicional para o universo conforme a temos, senão a ideia (resistida por muitos teóricos) de que haja um criador transcendente. No final, é notória a conclusão de que a existência de um Deus pessoal e eterno é mais que necessária para possibilitar e justificar a própria existência como um todo. É preciso lembrar o pressuposto de Parmênides, ecoado por Empédocles e Lucrécio, “do nada, nada se produz” (*ex nihilo nihil fit*).

99

Menos apreciável seria a certeza quase religiosa do autor quanto à teoria do Big Bang, ignorando que esse não é um conceito plenamente aceito, nem respondendo às críticas que se fazem a esta teoria. Não se trata de descartá-la como provável, mas apenas demonstrar o que ela é: uma posição discutível, entre as alternativas cosmológicas.

As citações e apanhados históricos são muito bem-vindos e facilitam a compreensão de um assunto normalmente pautado pela aridez técnica. Os diálogos fictícios, talvez não muito apreciados pelos leitores acadêmicos e especialistas, caem bem aos leitores cultos, mas leigos em Física, e revelam a capacidade didática e jornalística do autor, ao viabilizar a compreensão de discussões antes circunscritas ao mundo científico com total ostracismo em relação à comunidade de formação não científica.

São, portanto, bem vindos os personagens fictícios do cético, do fiel e do editor imaginário chamado Carl (teríamos aqui uma homenagem a Carl Sagan?), que conversa sempre com o autor, questionando-o, advertindo e o aconselhando. Esses diálogos imaginários, verdadeiras diatribes, entrecortam o texto, levando o leitor a se imaginar numa sala de bate-papo, com

a diferença que o assunto não é uma trivialidade, mas a mais importante temática de todos os tempos: “como tudo começou? Existe mesmo um Deus por detrás de nossa existência?”.

Outro ponto apreciável do livro é a já mencionada comparação entre o Gênesis e as demais cosmogonias produzidas na antiguidade, especialmente na Suméria, Grécia e restante do Oriente Médio. Todas apresentam uma ideia mais ou menos contínua da eternidade do universo. Os deuses vêm depois, sendo filhos do Cosmos. Foi assim com os deuses gregos, e também com os babilônicos (SILVA, 2010, p. 19–46). Em outras palavras, a eternidade cósmica é necessária para explicar a existência atual. Portanto, em última análise, os deuses seriam filhos do Cosmos e não aqueles que justificam a existência do mesmo.

A Bíblia parece ser a única a trabalhar com a ideia de um Deus vindo antes “do céu e da terra”, antes de tudo o que existe e que teria feito tudo a partir do nada. Esse é um conceito extraordinariamente revolucionário para a antiguidade e atual para o mundo posterior as teorias de Hubble e Einstein, que estabeleceram a certeza de que o universo teve um começo (ROSS, 1994). O ponto falho dessa comparação está no fato de que é possível encontrar em outras cosmogonias a ideia de uma divindade que antecede o surgimento do cosmos material — o zoroastrismo, com a cosmogonia de Ahura Mazda é um exemplo. Não obstante, permanece a validade de se ter aqui uma boa argumentação ao pressuposto bíblico de que “no princípio criou Deus [...]” (Gên. 1:1).

Tal argumentação reside no fato de que, se após o lançamento da teoria da relatividade é quase uma obrigatoriedade científica trabalhar com a ideia de um começo, a pergunta do por que desse começo, se torna fundamental. Na física anterior (mesmo naquela fundamentada em Newton) tal questão do por que do cosmos era, no mínimo, irrelevante para o cientista, pois afinal, o cosmos sempre esteve aí. Agora a situação é diferente: o cosmos teve um início. Mas como ele começou? Se excluirmos a existência de um criador pessoal, absoluto e transcendente, ficamos às voltas com as indagações de Heidegger e Wittgenstein que podem ser resumidas na pergunta: “por que há algo ao invés de nada?” (MINAR, 2001).

Assim, o desafio do título “mostre-me Deus” pode ser lido às avessas, como uma provocação do tipo: “considerando o universo que ora existe, mostre-me, convença-me de que não há Deus.” 

## Referências bibliográficas

HASEL, G. V. The ‘days’ of creation in Genesis 1. In: BALDWIN, J. T. (Ed.). **Creation, catastrophe and calvary**. Hargestown, MD: Review and Herald, 2000.

SILVA, R. P. A Suméria e os testemunhos extrabíblicos de Gênesis 1–11. In: **Parousia**, Engenheiro Coelho, v. 9, n. 1, 2010.

ROSS, H. Origin of the universe: new scientific evidence for the existence of God. **Cosmicfingerprints**, South Barrington, Illinois, abr. 16, 1994. Disponível em: <<http://www.cosmicfingerprints.com/hugh-ross-origin-of-the-universe/>>. Acesso em: 16 dez de 2011.

MINAR, E. Heidegger, Wittgenstein, and Skepticism. **The Havard review of philosophy**. v. 9, 2001. Disponível em: <<http://www.hcs.harvard.edu/~hrp/issues/2001/Minar.pdf>>. Acesso em: 16 dez de 2012.

Enviado dia 03/10/2011

Aceito dia 20/10/2011

101

